

IDENTIDADE CULTURAL*

Rovílio Costa**

Para qualquer sul-rio-grandense é um privilégio receber o Prêmio Ilha Lopes de Almeida Laytano, pertencente a uma família de grandes tradições, vinda das próprias raízes do Rio Grande do Sul. Em Ilha, não vejo somente a Bacharel em Letras, a conhecedora profunda das Literaturas Brasileira e Francesa, mas, acima de tudo, a mulher forte que dedicou seu carinho, a muitos necessitados, mediante obras de caridade e assistenciais, marcando o Rio Grande do Sul pela sua fé e cultura.

O prêmio que me é conferido não o entendo como mérito pessoal, mas como uma celebração da cultura sul-rio-grandense. Um prêmio não se entende como ponto de partida, mas como um indicador do muito que ainda resta a fazer pela nossa privilegiada cultura, que exige a eficácia do trabalho intelectual de todos. Por isto, o Prêmio Ilha de Laytano é para todos os que anualmente participamos desta festa cultural, um convite ao trabalho diuturno e eficaz, à semelhança de quem o instituiu, o Prof. Dante de Laytano, exemplo de uma vida integralmente dedicada à nossa cultura.

O Prêmio Ilha de Laytano, a cada ano, é dado a uma pessoa, mas a premiada é uma só, é a nossa própria cultura, cultura singular e única. Os premiados passam, mas a cultura fica como patrimônio de muitos. Assim, nossa cultura, feita do pouco de cada um, se pereniza como o patrimônio de todos.

Num Rio Grande do Sul síntese de culturas, há lugar para as experiências culturais de ontem, para as de hoje, bem como para as opções de amanhã. Nesta linha de pensamento, também encontrei lugar para mim na mesa de nossa cultura, e me daria à iniciativa de explicar como isto aconteceu.

ASSUNTOS IMIGRATÓRIOS

Em 1974, comemorava-se, no Estado, o Biênio da Imigração e Colonização. Preocupou-me a volta às origens pela pesquisa de fontes, especialmente identificando as diferentes formas de vida, propostas pelos imigrantes europeus. Comecei a ver a missão do intelectual, não como o criador de um mundo de idéias, mas como o leitor da realidade. Da própria etimologia latina «*intus-legere*», ler o interior, comecei a atribuir ao intelectual o encargo de explicitar aquilo que está por dentro de cada cultura, aquilo que remanesceu através dos tempos como suporte de formas de pensar e viver. Cabe ao intelectual promover a valorização

*Parte do discurso proferido pelo Autor ao lhe ser conferido o Prêmio Ilha Lopes de Almeida Laytano, a 4.8.1983, em consideração à sua atividade de professor, escritor e pesquisador.

**Mestre em Educação; Livre-Docente em Antropologia Cultural; professor do Departamento de Estado Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS.

de tudo aquilo que, num determinado momento de uma cultura, se constituiu experiência comum, ou forma de preferências de pessoas e/ou comunidades. O intelectual que trabalha com idéias, propõe formas de pensamento, mas o intelectual que trabalha com experiências culturais, propõe formas de vida. É pelas formas de vida que caracterizam a cultura sul-rio-grandense que devemos nos definir.

Ao propor-me estudos sobre Imigração e Colonização, não considerei nenhuma etnia como algo isolado, estanque, histórico, fechado ou em estado puro, porque sabe-se que os antecedentes históricos inviabilizam tais afirmativas. Também não me propus a pesquisar e estudar experiências étnico-culturais como algo herdado, mas como uma caminhada cultural genuinamente nossa. Sem materializar a cultura como sucessão de fatos históricos, nos enriquecemos de sua vida quando a assumimos como um todo. O fracasso parcial da escola, por exemplo, está em tomar fragmentos da cultura, e não as diferentes experiências culturais como um todo. Diferente é, por exemplo, aprender Português, de participar da vida e experiência cultural de comunidades de fala portuguesa. A língua embasada na totalidade de uma cultura dá significados às formas de vida, que comunicam o sabor de viver, os afetos e sentimentos que se expressam na linguagem. No Rio Grande do Sul, somos participantes ativos de muitas experiências culturais, que são nossas, porque foram surgindo na nossa própria caminhada histórica. Por isto, desencadear a consciência histórica é fazer perceber o ontem dentro do hoje, é não permitir a materialização destas experiências culturais como «curiosidades culturais». Importa, pois, dar o colorido da vida à história, para que ela seja um todo e não seja degradada e fragmentada pela materialização, centrando-a em transmissão de conhecimentos parciais, sem visão do todo.

Ante a tentação acadêmica de fazer história para alguém, preferi investir para fazer história de alguém, fazer a história do nosso povo. A cultura sul-rio-grandense é, hoje, motivo de estudo e admiração por sua singularidade, por que é de nossa tradição fazer história do povo. É só esta a forma de história que desencadeia a identidade cultural, promove a participação, cria consciência de integração e tem no seu bojo o poder de derrubar o pretendido nivelamento cultural, que tenta se nos impor.

Uma de minhas preocupações na publicação de «Assim vivem os italianos», em co-autoria com Arlindo I. Battistel e a ser continuada por Júlio Posenatto, foi o testemunho oral, como manifestação de formas e opções de vida de imigrantes e descendentes e não como fato histórico passado, estanque e estéril. Buscar a vida que a história propaga é dar-lhe a fecundidade que supera o tempo e os condicionamentos alienantes. No testemunho oral se encontra a cosmovisão de costumes, tradições, crenças ... que dão à história a excelência de mestra da vida. Não se faz história para o povo, porque o povo tem sua história assegurada por sua experiência de vida.

A função do historiador, portanto, se confunde com a do antropólogo. Importa que ambos devolvam às comunidades os frutos de suas pesquisas, sob a forma de consciência de sua própria identidade e valores. Revolta constatar os «andarilhos da cultura», que vão, buscam dados junto a pessoas e comunidades, sem nada lhes devolver. A isto se chama curiosidade cultural. E muitas vezes se faz atividade acadêmica em cima disto e o aluno passa a aprender fragmentos materiais e incoerentes de uma cultura, perdendo a riqueza da vida da própria cultura. Afinal, não estamos tão longe de nossos testemunhos culturais a ponto de não mais lhes ouvirmos às vozes. A história documental está garantida pelo suporte de arquivos, mas a história oral se perde com o suceder das gerações. Ao cientista historiador ou antropólogo, além de objetivos claros do que pretende fazer, corresponde a atitude de Fleming, de não desconhecer, nem passar à margem as experiências que surgem. Em cada pessoa está um pouco de nossa história. Por que, então, restringir a história a alguns fatos, a algumas pessoas, quando um povo está a falar, a fazer história, a criar destinos? Como se haveria de entender nossa rica história, síntese de muitas culturas, sem ouvir seus personagens? Seria como estudar a Imigração e Colonização Européia no Estado, a partir dos documentos oficiais que a desencadearam, como seus antecedentes históricos. O mais importante, porém, é a caminhada da imigração européia no Estado, porque esta nos dá uma face de nossa cultura. Devolvamos, pois, à nossa história, as diferentes faces de suas diferentes experiências culturais e estaremos fazendo a história que é mestra da vida e supera a impertinência do tempo e a presunção dos nivelamentos culturais.

Porto Alegre, 04 de agosto de 1983.